

What's in a name ou, o perfume da rosa

Ana Gabriela Macedo

CEHUM | Centro de Estudos Humanísticos
Universidade do Minho

O que há num nome? Se fosse dado um outro nome
À rosa, seria menos doce o seu perfume?

Romeu e Julieta, Acto II, Cena II. ¹

O título e a epígrafe de *What's in a name* (2017) de Ana Luísa Amaral tem toda a carga icónica que uma fala célebre de uma das mais célebres peças de William Shakespeare pode conter – o discurso amoroso de Romeu e Julieta, espartilhados que se achavam entre o deslumbramento da paixão e a angústia «sem nome» da impossibilidade da mesma e do seu *inter/dito*. A armadilha contida em dois nomes, Montecchio e Capuleto, e a carga de rivalidade indizível que neles cabe, torna-os reféns de si mesmos.

Face a tal, Julieta, com sabedoria de mulher madura, pese embora a sua candura e juventude, afirma:

Que é Montecchio? Não será mão, nem pé,
nem braço ou rosto, nem parte alguma
que pertença ao corpo. Sê outro nome.
O que há num nome? Se fosse dado um outro nome
À rosa, seria menos doce o seu perfume?
[...]
[Ao que] Romeu [responde:]
Não me chames senão amor e de novo serei baptizado;
de ora em diante não mais serei Romeu. (Shakespeare 2013:85)

I – Coisas

Ficam a epígrafe e as vozes de Shakespeare em suspenso. A autora opta por nos devolver ao mundo físico e à sua materialidade, através de um momento primeiro

¹ Tradução da epígrafe de Ana Luísa Amaral

de pausa, que nomeia, tão simplesmente, «Coisas». Desfilam memórias de infância, a bicicleta «cromada e preta», a mão firme do pai, «aceso fio de prumo, em acesa confiança» (Amaral 2017: 15); um livro abandonado num banco de jardim, «que o livro: só ideia» (*ibid.*: 13); o «corpo» de uma castanha brava, «despido, incandescente/ polimento de cera» (*ibid.*: 16); o voo límpido de uma cegonha «rasgando, sem rasgar,/ o dúctil ar/ da folha» (*ibid.*: 18); o som das agulhas de pinheiro ressoando ao vento, «um lento incêndio/ lento,/ capaz de devolver ao vento/ a perfeição» (*ibid.*: 19); um fortuito casaco branco que se queria azul; o corpo flexível e pensante da gata, «corpo elástico, alongado», quase gente, no sofá (*ibid.*: 22).

Chegados que somos, de novo, ao acto de nomear, à revisitação do mito, e à formulação da pergunta primeira: «O que há num nome?»

De que espessura é feito se atendido,
 que guerras o amparam,
 paralelas?
 [...]
 Extirpado o nome, ficará o amor,
 ficarás tu e eu – mesmo na morte,
 mesmo que em mito só
 [...]
 E, meu amor, força maior de mim,
 seremos para eles como a rosa –
 Não, como o seu perfume:
 ingovernado livre (*Ibid.*: 24-25)

II – Regressos

Se no primeiro compasso deste livro, «Coisas», o verso se constituiu sucinto, como poesia efrástica, em que a imagem se disse em som e palavra, em «Regressos», segundo compasso do mesmo, o verso estende-se, narrativo, gestual, táctil, habitando a casa, perscrutando-lhe a luz, adivinhando-lhe as sombras. Desde logo, no poema primeiro desta secção, revisita-se um *topos* peculiar na poética de ALA – a cozinha enquanto espaço de ritual e de magia, alquimia de sabores, cheiros e também da palavra, quiçá por contaminação. «Enquanto o peixe grelha, descuidado:/ o aroma dourado do incenso a romper/ pela cozinha» (*ibid.*: 29). Um «entre-lugar» onde o sagrado e o profano se confundem e todas as fronteiras são transgredidas – «cenário perfeito», diz a poeta, de erupções e combustões. «Em fogo lento, cumprir-se a Palavra» [...] «a outra especiaria» (*ibid.*).

Revisita-se depois em «Pequeno épico (em cinco andamentos)» o espaço íntimo do quarto e a sedução do «escuro morno» em contraponto com o sol «lavado» da manhã – e o «desejo pendulo» oscila... (*ibid.*: 35).

Regressamos a um tempo outro: revisitações líricas, ecos camonianos perpassam esta poética que dialoga consigo mesma, revisitando lugares habitados, amados, nomeados, dizendo-se inter e intratextualmente. Veja-se o poema «Comuns formas ovais e de alforria ou Outra (quase) carta a minha filha»:

Foi de repente,
 Eu semi-reflectida por janela oval:
 Uma emoção que me lembrou o dia
 Em que disseste inteiro o nome do lugar onde vivíamos
 Sem lhe trocar as letras de lugar
 [...]
 Ainda hoje,
 Não me é fácil falar-te em impiedade,
 ou nisso a que chamamos mal,
 e que existe, e emerge tantas vezes
 da idiotia mais rasa e primitiva (*Ibid.*: 42)
 [...]
 Deixo-te só
 a desordem maior do coração
 sentida há pouco dessa janela oval,
 os momentos raríssimos
 como só os milagres se diz terem,
 e que às vezes cintilam:
 cósmicas cartas de alforria que nos podemos dar,
 nós, humanos, aqui:
 Só isto eu desejava para ti
 E nesta quase carta – (*Ibid.*: 43)

Revisita este poema um outro *topos* central na poética de Amaral, que se diz de modo «epistolar» numa forte teia de referências intertextuais a outras poéticas em que o legado do amor, ou a dor são passados às gerações vindouras por intermédio de uma carta ou uma «quase carta» como esta, e lembramos a título de exemplo a famosa «Carta a meus Filhos sobre os Fuzilamentos de Goya», de Jorge de Sena (1959), onde o poeta diz:

Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso.
 É possível, porque tudo é possível, que ele seja
 aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo,
 onde tudo tenha apenas a dificuldade que advém
 de nada haver que não seja simples e natural.
 Um mundo em que tudo seja permitido,
 conforme o vosso gosto, o vosso anseio, o vosso
 prazer
 o vosso respeito pelos outros, o respeito dos outros por
 vós. (Sena 1988: 125-128)

Ana Luísa Amaral revisita-se, também intratextualmente neste poema, como é estratégia poética sua habitual, trazendo ecos de outros poemas, outras «cartas», ainda que sob outros nomes, ao longo dos anos escritas a sua filha. Desde logo, «Testamento», em *Minha Senhora de Quê* (1990), o primeiro livro publicado por ALA; «Leite-Creme», em *Epopeias* (1994); «Um pouco só de Goya: carta a minha Filha», em *Imagias* (2002), numa alusão directa a Sena; «Histórias: No mais Imaginário», em *E Todavia* (2015). Daí a reverberação que os leitores experienciam ao lerem este novo e emotivo legado, através desta «Outra (quase) carta a minha filha»: «a desordem maior do coração/ [...] os momentos raríssimos,/ como só os milagres se diz terem,/ e que às vezes cintilam». Momentos esses que constituem «cósmicas cartas de alforria» às novas gerações. (Amaral 2017: 43).

III – Povoamentos

O terceiro compasso deste livro percorre alguns dos temas mais caros a ALA, modos de ver e de dizer o mundo. Desfilam imagens, episódios – a forma das cebolas (de novo um *topos* recorrente em toda a poética de ALA, um «entre-lugar» coabitado): «quase forma de astro, /redonda, mas mais pura, / porque sem centro assente» (*ibid.*: 47); o «astrágalo», um «pequeno osso com nome de universo», equiparado a uma estrela «cuja impressão digital é mais que um fio de luz» (*ibid.*: 48); um pássaro que cai do ninho e que uma criança «devolve ao voo» (*ibid.*: 50), pequenas “hecatombes” em que o mundo se diz, quais «registos» de vida (*ibid.*: 53).

E de novo o regresso à pergunta primeira, agora pela negação, o seu avesso: «o que não há num nome», sendo que a sua espessura é feita «de fala e de palavra»: «Um nome é coisa de fala e de palavra, / tão espesso como aquelas folhas que, se pudessem olhar, / me haviam de contemplar daquele vaso, / perguntando-me porque se chamam assim» (*ibid.*: 63).

A resposta deu-a Romeu a Julieta («Não me chames senão amor [...] Por um nome não sei como dizer-te quem eu seja») ou, em palavras de ALA, o que «não há num nome» é «a deflagração do amor», que não carece ser nomeada:

Com a minha filha
o mais belo de tudo, a maior deflagração
de amor – foi olhar os seus olhos,
sentir-lhe o toque em estame
dos dedos muito finos
esses: sem nome ainda,
mas de uma incontrolável
perfeição inteira (*Ibid.*: 63-4)

IV – Ou, por outras palavras

O livro termina num registo diverso, numa referência que amplia o espectro da pergunta inicial sem lhe retirar a indagação primeira, e por isso mesmo se intitula «Ou, Por Outras Palavras» – passamos assim do amor ao ódio; da palavra ao silêncio; da beleza inominável à cegueira e à violência igualmente inomináveis. A palavra com que termina o poema último, intitulado «Aleppo, Lesbos, Calais, ou, Por Outras Palavras», é «furor», para dizer, a um tempo, o silêncio dos «sem-nome», os «rostos do deserto», as «gotas de sangue e grão de areia» que inundam o «espesso fluído» do Mediterrâneo (p.71). Cabem todos esses rostos na mesma pergunta sem retorno, «o que há num nome», ou no seu avesso, «o que não há num nome». Porque, como diz a poeta neste andamento final:

Do que chega em olhar, das camadas de séculos em que tudo
parece mercadoria fácil de esquecer,
ou então que o desterro nos ficou nos ficou raso aos genes
e só ele é lembrado, e ele sozinho serve para insistir o horror,
de tudo isso não há forma de verso que me chegue
porque nada chega de conforto ou paz

Mas que o furor persista
e que neste recanto ao canto da Europa,
mesmo sem vergonha de estar quente e longe,
e protegida sob uma lente amplíssima
que só deixa passar, finíssimas, meia dúzia de imagens:
ou, por outras palavras, a cegueira –

mesmo sem palavras: o furor

Referências bibliográficas

Amaral, Ana Luísa (1999 [1990]). *Minha Senhora de Quê*. Lisboa: Quetzal Esitores.

--- (1994). *Epopéias*. Coimbra: Fora do Texto.

--- (2002). *Imagias*. Lisboa: Gótica.

--- (2015). *E Todavia*. Lisboa: Assírio & Alvim.

--- (2017). *What's in a Name*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Ramalho, Maria Irene (2017), "Coisas. Sobre *What's in a Name* de Ana Luísa Amaral". In *Colóquio Letras*, n.196, Setembro 2017, p. 202-208.

Sena, Jorge de (1988). *Poesia II*. Lisboa: Edições 70.

Shakespeare, William (1981), *Romeo and Juliet*. Londres: New Penguin Shakespeare.

Penguin Classics [reprint edition].

--- (2013). *Romeu e Julieta*, Lisboa: Relógio d'Água. *Projecto Shakespeare*. Tradução, introdução e notas de Filomena Vasconcelos.